



# REFLEXÕES SOBRE O CONCEITO DE ENUNCIADO NO CONTEXTO DA APRENDIZAGEM DA LINGUAGEM ORAL E ESCRITA NA ESCOLA

## REFLECTIONS ON THE CONCEPT OF UTTERANCE IN THE CONTEXT OF ORAL AND WRITTEN LANGUAGE LEARNING IN SCHOOLS

Liene Keite de Lira da Mata <sup>1</sup>

**Resumo:** Este texto objetiva realizar reflexões acerca do processo de ensino-aprendizagem da linguagem oral e escrita desenvolvido nas escolas, a partir do conceito de enunciado presente nas obras *A palavra na vida e a palavra na poesia* e *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. As reflexões tiveram como base o estudo dessas obras, abarcando as unidades do enunciado em sua função dialética: o enunciado oral e escrito dos grupos sociais em contextos educativos, suas unidades verbais e extra verbais e a totalidade do enunciado concreto. O papel do enunciado presente na comunicação social é de alta relevância para a formação da personalidade humana, que acontece na coletividade social e carrega consigo as ideias do grupo, elaboradas nas ações dos sujeitos a partir das necessidades subjetivas e de réplicas responsáveis e responsivas no embate das ênfases sociais. Portanto, é essencial orientar o processo de ensino-aprendizagem dos educandos acerca da linguagem oral e escrita para a compreensão dos signos sociais em dado contexto; a formação do “eu”, da subjetividade e da personalidade só é possível no entrelaçamento do “nós”, e as várias vozes sociais estão presentes nos enunciados trabalhados durante esse processo.


**Palavras-chave:** Linguagem. Escola. Interações Discursivas. Subjetividade.

**Abstract:** This text aims to reflect about the oral and written language learning process in schools, from the concept of utterance, taking as its references these works: *The word in life and the word in poetry* and *Marxism and Philosophy of Language*. The reflections considered the studies of those works and covered the units of utterance in its dialectical function: the oral and written utterance of social groups in educational contexts, their verbal and extraverbal units and the totality of the concrete utterance. The role of utterance present in social communication is of high relevance for the human personality formation, which takes place in the social collectivity and carries with it the group's ideas, elaborated in the actions of the subjects from the subjective needs and responsible and responsive replicas in the clash of social emphases. Therefore, it is essential to guide the students teaching-learning process on oral and written language for the comprehension of social signs in a given context; the formation of the “I”, of subjectivity and of personality is only possible in the intertwining of the “we”, and the various social voices are present in the utterances worked during this process.

**Keywords:** Language. School. Discursive Interactions. Subjectivity.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação (Unesp). Orientadora Prof. Dra. Stela Miller. Mestre em Educação. (Unesp) Licenciatura Plena em Pedagogia.(Unesp). Atua como professora coordenadora na rede municipal de ensino fundamental ciclo I. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9561887713575280>. E-mail: [lienekeite@gmail.com](mailto:lienekeite@gmail.com)



## Introdução

A linguagem cotidiana está encharcada da ideologia do grupo social a que as pessoas pertencem, o subjetivo está entrelaçado ao coletivo e manifesta-se em signos ideológicos presentes na interação social, a qual é materializada na comunicação verbal e escrita.

Nos enunciados orais, a linguagem concretizada, compreende todo o contexto extraverbal, da situação vivenciada, dos gestos, da avaliação do falante e ouvinte, do escritor e leitor; a linguagem escrita não se concretiza em contextos de interação face a face e, por isso, requer a utilização de recursos da língua que façam a necessária contextualização dos enunciados, participantes reais do intercâmbio social, em um movimento que permite aos sujeitos darem a sua valoração aos signos sociais. Dessa maneira, não se pensa no ensino de sinais linguísticos paralisados em suas formas, mas na dinamicidade da linguagem criada historicamente para atender às necessidades de vida nos grupos sociais.

Tendo isso em vista, abordamos os enunciados contidos sobretudo nas obras de Valentin Volóchinov, *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2018) e *A palavra na vida e a palavra na poesia* (2019), em traduções de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Nestas obras, o intercâmbio verbal presente nos grupos sociais manifesta-se por linguagens criadas historicamente pelas necessidades surgidas em contextos sociais, e se desenvolvem e se complexificam historicamente em enunciados.

O enunciado é uma totalidade repleta de outros enunciados (VOLÓCHINOV 2019), porque são várias vozes em um enunciado e não apenas a voz de quem enuncia. Um dos fatores fundamentais para compreensão de enunciado, seja o enunciado oral ou escrito, é a compreensão do “dito” em um grupo social, da necessidade de vivência em uma realidade concreta e cotidiana, pois quem fala ou escreve um enunciado, fala ou escreve para alguém a partir da linguagem de um grupo social e dá ao enunciado ênfases valorativas. O enunciado não se realiza apenas por um indivíduo, carece de pelo menos dois, e que estejam em uma dada coletividade social, pois o enunciado é uma totalidade no fluxo da comunicação discursiva, a qual não tem início ou fim, em um processo ininterrupto da vida.

Discorreremos, a seguir, acerca do conceito de enunciado, na diferenciação entre signo e sinal, bem como acerca da crítica ao sistema abstrato de formas linguísticas normativas em correntes cujas teorias não reconhecem o cotidiano ou a significação ideológica, a apresentação da *palavra* como signo ideológico e como unidade constitutiva do enunciado concreto. Assim, nossa questão é: quais as reflexões ao processo de ensino e aprendizagem de enunciados, isto é, qual o papel vivo da aprendizagem de enunciados na formação da personalidade do educando?

## O signo ideológico

Volóchinov, em suas obras citadas acima, destaca o cotidiano, o signo social, a ênfase valorativa, ou seja, os determinantes do conteúdo do enunciado. Das proposições do autor, apontamos a importância da compreensão dos enunciados em seu papel de signo à organização do ensino da linguagem oral e escrita na escola. “[...] A compreensão de um signo ocorre na relação deste com outros signos já conhecidos; em outras palavras, a compreensão responde ao signo e o faz também com signos” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 95). Do mesmo modo, afirma Volóchinov, “A palavra está sempre repleta de conteúdo e significação ideológica ou cotidiana” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 166).

Porém, o que é ensinado historicamente na escola corresponde a uma língua normativa visando ao uso de sinais estanques, que pouco coopera com a formação da consciência crítica, da personalidade como resultado do processo social no uso de signos (palavras) repletos do valor de cada falante e/ou autor(a).

O intercâmbio verbal, manifesto em signos sociais, compreende gestos, fala, contexto, avaliação, entonação, unidades estas que dão a ênfase valorativa ao enunciado entre o falante e ouvinte e entre escritor e leitor. Esses instrumentos sgnicos usados na linguagem possuem sua carga ideológica do grupo social, portanto, são signos ideológicos em movimento e não estanques

como sinais linguísticos de determinada língua. Os signos sociais como unidades dos enunciados concretos são fundamentais para a compreensão de totalidade do enunciado em sua existência concreta. É capital lidar com os enunciados tanto os orais como escritos na escola e além dos muros institucionais. Os enunciados no contexto oral são do cotidiano e ocorrem no intercâmbio dos grupos sociais e, para tanto, usam-se signos (palavras) a partir de um coletivo de vivência. Diante da dinamicidade dos enunciados, quais são as implicações para o ensino e a aprendizagem da linguagem escrita na escola e quais os impactos nos sujeitos ao compreender os signos sociais, instrumentos da linguagem em movimento?

O signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico, e assim por diante. As categorias de avaliação ideológica (falso, verdadeiro, correto, justo, bom etc.) podem ser aplicadas a qualquer signo. O campo ideológico coincide com o campo dos signos. Eles podem ser iguados. Onde há signo há também ideologia. *Tudo o que é ideológico possui significação signica* (VOLÓCHINOV, 2018, p. 93, grifos do autor).

Em Volóchinov (2018), qualquer objeto da natureza pode se tornar um signo quando este objeto adquire uma significação que ultrapassa os seus limites como objeto. A comunicação oral ou escrita usa o instrumento vivo, enunciados, os quais usam signos (palavras em contexto) e não sinais sem significação. Além dos sentidos/ da significação dos signos, há toda carga valorativa dos falantes. Nessa avaliação todo signo é ideológico. No intercâmbio social, compartilhamos os signos em uma cadeia ininterrupta onde um signo explica outro signo.

No grupo social que caracteriza a vida no âmbito escolar, as falas estão permeadas do gênero cotidiano: a fala entre a criança e a professora, entre criança e criança, entre as professoras, etc., falas cotidianas presentes pelas circunstâncias do grupo social escolar. São falas sobre as obrigações escolares, desafios pedagógicos, instrumentos de avaliação, sobre as frustrações, falas de vivências extra ambiente escolar etc. Falas do cotidiano impregnadas do contexto histórico-social e cultural nas instituições de ensino e das especificidades de uma determinada unidade escolar. Nos discursos, há um currículo oculto cujas falas revelam as formas de comunicação ideológica. Volóchinov deixa claro que a totalidade do enunciado pressupõe compreender o problema ideológico presente no enunciado. “A análise produtiva das formas da totalidade dos enunciados como unidades reais do fluxo discursivo só é possível ao reconhecer cada um dos enunciados como um fenômeno puramente sociológico”. (VOLÓCHINOV, 2018, p. 223).

Uma forma linguística não será compreendida como tal enquanto for apenas um sinal para aquele que a compreende. Um sinal puro não existe nem nas fases iniciais da aprendizagem de uma língua. Mesmo nesse caso, a forma é orientada pelo contexto e se constitui em um signo, embora estejam presentes a sua natureza de sinal e o momento de seu reconhecimento (VOLÓCHINOV, 2019, p.165).

O sinal só pode ser reconhecido; o que é apreendido e compreendido são signos e não sinais linguísticos. Os leitores tomam consciência da palavra ao entrarem em contato com os gêneros escritos por seus interlocutores. Ao escrever e ler, o sentido pessoal é o que permite a compreensão, desta forma, o que aprendemos e ensinamos são signos impregnados de significados, de valor e avaliação, cujo emprego compreende contextos reais de comunicação criados e usados de acordo com as necessidades do grupo social.

No contexto pós revolução Russa, efervescia a discussão sobre a formação da consciência, os signos internos, a ideologia, e a criação de uma psicologia social. Teses idealistas como as de Humboldt, Potebniá e Cassirer influenciaram as proposições de Volóchinov, em um polo o papel ativo da consciência na determinação da existência, e, do outro, a existência como determinante da consciência. Volóchinov (2018) defende a existência material na constituição da linguagem e da

consciência formada nos signos ideológicos, considerando os enunciados em seu papel mutável e transformador.

[...] a existência material influencia na constituição da linguagem e, por outro, a consciência age sobre a existência material, isto é, a consciência humana, ao formar-se nos signos ideológicos, é capaz de exercer uma influência transformadora sobre a base econômica, principal elemento da existência material na visão marxista (GRILLO, 2019, p.60).

Existência e consciência, inter-relação do pensamento e linguagem, dão os encadeamentos à compreensão do processo de ensino e aprendizagem, pois a personalidade humana, dentre outros fatores, desenvolve-se em condições concretas e objetivas de aprendizagem no uso da linguagem em determinado grupo social. Em Volóchinov (2018), a objetivação da consciência não se dá apenas por meio de signos verbais, mas há o papel ativo do pensamento humano na constituição das linguagens verbais e não verbais (música, pintura, gestos, etc.) são diversos sistemas signícos que definem a consciência humana.

A criança terá necessidade de falar para ser mais bem compreendida e aprenderá a língua de seu convívio, não aprenderá sinais, mas signos ou palavras, que representam coisas, sentimentos, pessoas, lugares etc. e, por serem criados pelos sujeitos em interação, encarnam o contexto social e histórico e, portanto, são signos ideológicos. Esses signos, (palavras) por carregarem a carga histórica, social e cultural de cada grupo humano, não são neutros, ou imutáveis, e o uso desses signos, surgidos a partir de necessidades de um determinado grupo, são meios fundamentais para o desenvolvimento do psiquismo humano. A palavra (signo) vai sempre refletir uma classe de objetos como uma generalização, um ato verbal extraordinário do pensamento.

A palavra nunca se refere a um objeto isolado mas a todo um grupo ou classe de objetos. Por essa razão, cada palavra é uma generalização latente, toda palavra já generaliza e, em termos psicológicos, é antes de tudo uma generalização. Mas a generalização, como é fácil perceber, é um excepcional ato verbal do pensamento, ato esse que reflete a realidade de modo inteiramente diverso daquele como esta é refletida nas sensações e percepções imediatas (VIGOTSKI, 2009, p.9)

No decorrer do desenvolvimento da criança, ela assimila o que lhe ensinaram – gestos, linguagem, formas sociais da conduta, e começa a transferir este mesmo ensinamento a si mesma, utilizando-se, dos mesmos princípios (a fala) que os adultos aplicavam a ela (lei geral que regula o desenvolvimento da conduta). Em outros termos, a criança, desenvolve-se, culturalmente, a princípio pela atuação de outros, e só depois desenvolve a sua própria conduta. Isso expressa o que foi concebido por Vygotski como Lei Genética Geral do Desenvolvimento, segundo a qual “(...) toda função no desenvolvimento cultural da criança aparece duas vezes, em dois planos: primeiro no plano social e depois no psicológico, a princípio entre os homens como categoria intersíquica e logo no interior da criança como categoria intrapsíquica” (VYGOTSKI, 1995, p.150).

Esta lei é válida para qualquer tipo de signo que se aplique para a formação de qualquer função psíquica superior, pela razão de que toda função psíquica superior necessariamente passa por uma fase externa de desenvolvimento, dependendo da relação de, pelo menos, duas pessoas, portanto, uma relação externa social antes que interna (VYGOTSKI, 1995). No âmbito escolar, o desenvolvimento psicológico acontece no processo de ensino, pelas relações estabelecidas no entorno com as demais pessoas, mediante as trocas comunicativas no uso de estímulos, instrumentos, meios artificiais criados historicamente como a linguagem oral ou escrita que são passadas pelos mais experientes nas relações sociais estabelecidas e vivenciadas junto às crianças.

Em Marxismo e Filosofia da Linguagem (2018), a linguagem verbal (palavra) é considerada como propulsora de transformação por sua carga ideológica. A palavra permite a compreensão do outro e de si mesmo, e é o grupo social que engendra, direciona o processo de construção das representações materializadas na palavra, ou seja, os sentidos ou significados dos enunciados são construídos nas relações sociais. Como defende Vigotski (2009, p. 11), “[...] A linguagem é, antes de

tudo, um meio de comunicação social, de enunciação e compreensão”.

Nas obras de Volochínov citadas acima, o enunciado vivo, encarnado em sua totalidade de vozes dos grupos sociais, vozes historicamente representadas em diversos gêneros, é compreendido em sua capacidade material de transformação social. Em *A palavra na vida e a palavra na poesia* (2019), fica claro que o enunciado concreto se dá no processo de interação social entre os participantes das trocas verbais; em outros termos, o contexto vivo da comunidade gera a forma e o significado do enunciado, que usa da avaliação social e histórica dos interlocutores para a sua concretização.

Para o grupo social escolar, importa o entendimento da carga ideológica no signo social, uma vez que essa carga ideológica é a chave para entendermos a constituição do enunciado em suas unidades verbais e extraverbais. Para uma leitura de enunciados falados ou escritos empregamos todo nosso aporte cultural, usamos o nosso conhecimento prévio para realização de inferências e conexões nos diálogos dos interlocutores travados em dado contexto. Nesse sentido, o que pode ser ensinado e aprendido seria a totalidade dos enunciados em suas unidades verbais e extraverbais e em seus subentendidos.

## Os subentendidos no Enunciado: unidades extraverbais

As linguagens desenvolvem-se na própria atividade humana, na relação entre os sujeitos sociais, que, por meio de seu uso, transformam seu pensamento e seu modo de agir ao longo da história. Desde tempos muito remotos, signos, símbolos, surgem como representações, e/ou demarcações de espaço, para a convivência entre membros dos diferentes grupos sociais e até mesmo para sua sobrevivência, portanto, como criações ideológicas próprias desses grupos. Na pré-história, com a arte rupestre, o homem criou uma primeira linguagem visual demonstrando as necessidades da espécie *homo sapiens* de criação de símbolos da existência, por meio do uso da imaginação, configurando, assim, os germens da formação de um ser cultural.

Volochínov (2019) considera a arte uma atividade eminentemente social e, portanto, a abordagem literária não pode ser vista de modo separada da análise sociológica, pois tenta compreender a forma do enunciado poético na análise de alguns aspectos fora da arte, ou seja, analisa o enunciado inserido no meio social circundante.

[...] o “artístico” em sua totalidade não se encontra no objeto nem no psiquismo do criador ou do contemplador abordados de modo isolado: o artístico abarca todos os três aspectos. Ele é uma forma específica da inter-relação entre o criador e os contempladores fixada na obra artística (VOLÓCHINOV, 2019, p. 115, grifos do autor).

As unidades extraverbais são constituidoras dos enunciados escritos, pois carregam consigo toda a carga valorativa de quem faz uso da palavra em determinado contexto. No enunciado literário, por exemplo, surgem elementos do enunciado cotidiano, onde a composição verbal do gênero poético traz elementos extraverbais, o horizonte dos subentendidos torna possível a compreensão do enunciado em seu gênero. “a forma do enunciado poético enquanto forma dessa comunicação estética específica, realizada no material da palavra.” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 117). O material da palavra cria o enunciado, este material é da esfera ideológica cotidiana, forma-se nas trocas do grupo social, assim, há o vínculo entre forma e conteúdo, também há a interdependência para compreensão de um enunciado elucidado por outros enunciados.

Para a compreensão do enunciado poético, Volochínov (2019) usa o conceito de enunciado do cotidiano impregnado da linguagem verbal e extra verbal. Enunciado criado na própria dinâmica do grupo social com sua carga ideológica, o enunciado cotidiano não ocorre de maneira estanque e imutável, ao contrário, os enunciados concretos e vivos entram em constantes embates, por isso, estão em movimento e transformação. O enunciado composto do signo ideológico (palavra), gestos ou expressões corporais que acompanham as falas, bem como a avaliação e entonação formam a totalidade do enunciado do elemento verbal e extra verbal, expressos ou subentendidos.

A particularidade dos enunciados da vida consiste justamente no fato de que eles estão entrelaçados por mil fios ao contexto extraverbal da vida e, ao serem isolados dele, perdem praticamente por completo o seu sentido: quem não conhece o seu contexto mais próximo não irá entendê-los (VOLÓCHINOV, 2019, p.121).

Quem não pertence ao mesmo contexto não entende por completo os signos usados em determinado grupo, cuja organização social delinea as formas dos signos, de modo que os gêneros usados nos diálogos em cada época representam o próprio repertório da comunicação ideológica. De fato, “ao realizar-se no processo de comunicação social, todo signo ideológico, inclusive o signo verbal, é determinado pelo *horizonte social* de uma época e de um grupo social.” (VOLÓCHINOV, 2018, p.110, grifos do autor).

A compreensão dos enunciados concretos do grupo social como fator ideológico é crucial para o entendimento de que as consciências são formadas por signos, e estes, com sua carga ideológica do contexto histórico-social, e cada indivíduo com sua carga valorativa, são refletidos e refratados pelo psiquismo dos sujeitos. Tal compreensão acerca dos enunciados permite compreendê-los em sua totalidade, como resultado da inter-relação entre os elementos verbais e extra verbais que o configuram, tais como o seu conteúdo, para quem o enunciado é dito, em qual momento, com qual função, em qual contexto histórico social, quais outras vozes estão presentes neste enunciado, qual o gênero, pois os enunciados são formados dos embates reais, concretos das palavras nos diálogos.

As formas de comunicação *sígnica* cotidiana estão imbricadas na vida social que dá existência concreta ao enunciado, que, como dissemos, não pode ser separado dos embates e avaliações que acontecem no interior dos grupos sociais, porquanto, um signo, por seu conteúdo, tem um valor social, e sua avaliação individual dá-se em inter-relação com as ênfases sociais dadas ao signo ideológico.

A vivência passa a ter significação no material *sígnico* do psiquismo, e a “palavra” entendida como discurso interior (signo ideológico) possui um papel primordial no desenvolvimento da psique. O conteúdo da subjetividade banha-se no conteúdo do material social, os conteúdos da consciência individual são reflexos e refrações do contexto histórico da coletividade social. Desta forma, a personalidade é interdependente dos fatores sociológicos.

Essa premissa permite-nos fazer conexões com as ideias de formação humana defendidas em nossas práticas educativas em grupos escolares, que levam em consideração a compreensão de que os fatores sociais são cruciais na formação da personalidade humana. Desta forma, novas questões são levantadas, pois a formação humana não é natural, não depende essencialmente de fatores biológicos, mas de condições materiais objetivas de vida dos sujeitos em dada organização coletiva histórica.

As necessidades sociais e econômicas do *homo faber e sapiens* criam ao longo da história instrumentos sofisticados, como a linguagem verbal e escrita, as quais expandem o pensar reflexivo analítico, a grafia, possibilita o *homo historic*. No conhecimento e na transformação do mundo pelo homem ocorre a sua formação e transformação processo em que é constituída uma linguagem mais elaborada, que expande a consciência coletiva e subjetiva.

Assim, as discussões do papel da linguagem no desenvolvimento da consciência humana são fundamentais ao processo de ensino e aprendizagem, porquanto, a linguagem da qual a criança se apropria desenvolve o seu pensamento, a compreensão do mundo e de si mesma.

Entretanto, dentro do grupo escolar em dada realidade social é possível revelar, em enunciados, um currículo oculto presente na cultura das instituições escolares formais, por meio dos subentendidos de falas ou textos de enunciados em suas unidades verbais e não verbais. Um exemplo a ser analisado são os instrumentos orais e escritos criados para quantificar conhecimentos, que supõem que todas as capacidades podem ser medidas em dados numéricos. Tais instrumentos avaliativos negam a dialeticidade da palavra e revelam uma história de cerceamento para igualar os indivíduos, sendo necessária a abordagem crítica/reflexiva para evidenciar enunciados que continuam historicamente a perpetuar as ideologias sociais de cunho excludente.

Entram no processo de tais avaliações os subentendidos dos enunciados ou seu conteúdo extraverbal, o dito e o não dito e, igualmente, as vozes histórico-sociais que se interpenetram nas

falas cotidianas. Segue um exemplo de um diálogo possível em diferentes configurações de um cotidiano escolar:

- Você é ruim! Tirou nota baixa em Ciências.
- Mas eu sei o conteúdo.
- O que importa? Sua nota está ruim no Boletim.
- Não consegui colocar nessa prova o que eu aprendi. Sou péssimo!

Quais componentes ideológicos estão presentes no diálogo acima, onde não só os falantes envolvidos na situação relatada, mas todo um grupo social pode considerar menos capaz um indivíduo com uma nota baixa? A base da avaliação foi um instrumento limitante, o qual ainda permeia o imaginário da escola de *medição de conteúdo* e permanece ativo, pois as instituições estão inseridas em uma realidade histórico-social de valorização meritocrática, ressaltando aspectos do individualismo e competição, em frontal oposição a um pressuposto de formação para o processo de autoavaliação, e de autonomia do desenvolvimento humano. Por outro lado, há vários instrumentos de avaliação que se valem de diferentes linguagens criadas para as trocas de ideias, emoções, vivências, experiências de quem aprende e ensina. Pelo uso da palavra oral e escrita expressa-se parte do que se aprendeu, em enunciados, nos gêneros diversos, nas conversas, relatos, esquemas, desenhos, gráficos, fórmulas, dissertações etc. Assim, as instituições de ensino podem mostrar as mudanças e permanências em seus espaços, de vez que os enunciados no grupo social escolar ou em outro grupo social carregam a ênfase valorativa das falas individuais, as quais provêm de interiorização das ênfases sociais coletivas.

No diálogo acima, as ênfases dadas às palavras sobre o valor da nota são reflexo e refração da ênfase social dada ao valor do instrumento quantitativo. Na entonação na fala de quem diz “Você é ruim”, “Mas, sua nota no boletim é essa”, em um diálogo alienado, os subentendidos expressariam: “*você é a sua nota*”, e, “*a descrença de um grupo social à capacidade de quem tira nota baixa*”, e o enunciado “Sou péssimo” torna-se uma crença subjetiva. Desta forma, a composição do enunciado não deve ser compreendida apenas em suas unidades, a oral ou escrita, mas a compreensão da totalidade de significado e sentido na vida.

O sentido e o significado que o enunciado tem na vida (independentemente de como sejam) não coincidem com a sua composição puramente verbal. As palavras ditas são repletas de subentendido e do não dito. Aquilo que é chamado de “compreensão” e de “avaliação” do enunciado (a concordância ou a discordância) sempre abarca além da palavra, a situação extra verbal da vida. Desse modo, a vida não influencia o enunciado de fora dele: ela o impregna de dentro, enquanto unidade e comunidade da existência que circunda os falantes, e enquanto avaliações sociais essenciais geradas por essa existência, fora das quais não é possível nem um enunciado consciente (VOLÓCHINOV, 2019, p. 129 grifos do autor).

Quando há as condições objetivas de reflexão da palavra dita e não dita, ou seja, de entendimento dos enunciados, dos subentendidos orais e escritos, e de compreensão das várias vozes em um enunciado, o que está alienado nas falas é passível de transformação. Por exemplo, a nota como personagem de valor no cenário do diálogo não é o suficiente para compreensão do processo de ensino e aprendizagem, cuja avaliação por meio de instrumentos limitantes não pode ser o orientador da formação de uma pessoa, constituída de várias aprendizagens. A entonação se dá no contexto vivo do enunciado; as vozes e ênfases de valor presentes na palavra e a avaliação são frutos de uma cadeia de ideias sociais mais amplas e mais próximas ao grupo social. [...] A situação social mais próxima e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, de dentro, a estrutura do enunciado. (VOLÓCHINOV, 2018, p.206, grifos do autor).

Compreende-se que o que falamos está ligado ao nosso grupo social mais próximo, o sentido dado ao diálogo pela situação vivenciada. Enfim, o enunciado é uma totalidade repleta de outros

enunciados (VOLÓCHINOV 2019), O intercâmbio verbal, manifesto em signos sociais, compreende gestos, fala, contexto, avaliação, entonação, unidades estas que dão a ênfase valorativa ao enunciado entre o falante e ouvinte e entre escritor e leitor. Esses instrumentos sógnicos usados na linguagem possuem sua carga ideológica do grupo social, portanto, são signos ideológicos em movimento e não estancos como sinais linguísticos de determinada língua. Os signos sociais como unidades dos enunciados concretos são fundamentais para a compreensão de totalidade do enunciado em sua existência concreta.

Criamos meios signos-artificiais como instrumentos do pensamento, a linguagem verbal ou escrita gráfica como meios de comunicação que ultrapassam os gestos iniciais de comunicação dos primórdios, assim a humanidade pode concretizar a ideia subjetiva do objeto, criar significados nos diferentes grupos sociais e transmitir os conhecimentos adquiridos no uso de instrumentos auxiliares do trabalho, processo mediado pelos signos nas trocas verbais.

A atividade vital laboral acontecia por via de uma inteligência prática, no transcurso histórico das relações de trabalho mediadas por signos criou-se a língua a partir de necessidades de comunicação e a interação social com os novos objeto e signos transformaram gradualmente a psique humana.

O enunciado como proposta visando à formação integral humana, em suas configurações podem ser vivenciadas em diferentes contextos sociais, porquanto são de importância fulcral ao desenvolvimento humano, e estão presentes em todas as ações da sociedade contemporânea.

Em relação aos demais espaços sociais, a escola, é um local propício ao ensino dos conceitos científicos ao uso de instrumentos mais elaborados no desenvolvimento da psique, da subjetividade de cada um. A escola é um lugar do ensino de representações, ou seja, de linguagens, cada linguagem possui os seus signos, a língua oral e escrita e gráfica, a matemática, a arte, ciência, geografia, história, etc...São aprendizagens sistematizadas possíveis na relação do educando com os objetos da atividade mediados por linguagens.

A palavra é viva (linguagem), reportamos a uso da “palavra” de enunciado, uma linguagem completa a qual envolve o espectro verbal e não verbal dos falantes, apoiados o conceito de enunciado dos teóricos do círculo de Bakhtin.

Por ser viva, a palavra em uma formação histórica, se move, combina graças a enorme multiplicidade de vínculos, essa riqueza de elementos(signos) transforma o pensamento. Vygotski (1995) sobre a constituição das palavras e seus radicais, aponta as possibilidades de combinações da mesma palavra com novos significados.

Diríase que es un sistema especial de hábitos que por su naturaleza son materiales para el pensamiento, es decir, para la formación de nuevas combinaciones. Dicho de otro modo, son medios para elaborar una reacción que no se había producido jamás en una experiencia directa (VYGOTSKY, 1995, p. 275).

A palavra (enunciado) como generalização da realidade está embutida das vozes históricas do grupo social a qual criadas na necessidade da vida forma as subjetividades possíveis pela mediação da linguagem, de enunciados vivos.

## Considerações Finais

Realizou-se uma reflexão inicial para aproximações do enunciado oral ao escrito às finalidades do processo de ensino e aprendizagem em uma proposta de totalidade comunicativa. Considera-se a importância do conhecimento do universo sógnico no uso de enunciados concretos no processo de ensino e aprendizagem na formação da personalidade de educandos e educadores, pois que situações sociais de abrangência macro e micro constituem a *palavra (signo)* como fenômeno mais amplo da comunicação cultural. Enunciados do cotidiano são compreendidos em seus significados, ou sentidos, de mentira ou verdade, de dúvida ou confirmação, prazer ou tristeza, e assim por diante, e vão para além dos aspectos formais linguísticos, englobando a situação extra verbal em opiniões entrelaçadas aos acontecimentos cotidianos.



Ao usarmos enunciados em suas unidades verbais e não verbais como objeto de ensino e de aprendizagem, não ensinaremos uma língua morta, mas os enunciados com seus subentendidos e ênfases valorativas no intercâmbio social e, desta forma, não ensinamos conteúdo separado da forma, mas a palavra dialética presente no conceito de totalidade do enunciado, visto que o sinal puro não pode ser compreendido. Assim, o processo de ensino e aprendizagem da linguagem oral e escrita deve ser orientado à compreensão dos signos sociais em dado contexto. Finalmente, a consciência da existência das vozes sociais nos enunciados torna-se fulcral ao entendimento da formação do “eu”, subjetividade, possível somente no entrelaçamento do “nós”, porquanto a confirmação de que a formação cultural humana sem “outros” não existe, permite-nos afirmar que, do mesmo modo, não há enunciados sem as várias vozes sociais.

## Referências

VOLÓCHINOV, Valentin Nikolaievitch. **A palavra na vida e a palavra na poesia**. Ensaios, artigos, resenhas e poemas. Trad. Sheilla Grilo e Ekaterina Vólvoka Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.

VOLÓCHINOV, Valentin Nikolaievitch. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Sheilla Grilo e Ekaterina Vólvoka Américo. São Paulo: Editora 34, 2018.

VYGOTSKY Lev Semiónovich. **História del desarrollo de las funciones psíquicas superiores**. Obras Escogidas, V. 3 Madrid: Visor, 1995.

VYGOTSKI, L. S. **Problemas del desarrollo de la psique**. Obras Escogidas, V. 3. Madrid: Visor, 1995.

VYGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e linguagem**. 2. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

Recebido em 25 de abril de 2022.

Aceito em 29 de julho de 2022.